

SALÕES CAPIXABAS DE ARTE FOTOGRÁFICA DE 1968 A 1978

Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga
 Programa de Pós-Graduação em Artes / UFES
 Agência Financiadora: FAPES

RESUMO: O artigo analisa os Salões Capixabas de Arte Fotográfica, promovidos pelo Fotoclube do Espírito Santo, no recorte de 1968 a 1978, o qual diz respeito aos dez últimos anos em que foram realizados. Deste modo, interessa-nos apreender a partir da experiência dos Salões Capixabas, os alcances da fotografia fotoclubística do período.

Palavras-chave: *Fotografia nos anos 60/70, Fotógrafos, Fotoclube, Salões de Fotografia.*

ABSTRACT: The article analyzes the Capixaba's Salons of Photographic Art, promoted by Fotoclube do Espírito Santo, in the 1968-1978 crop. This way, we are interested in apprehending from the experience of the Capixabas Salons, achievements of the photography from the period.

Key words: *Photography in the 1960s and 1970s, Photographers, Fotoclube, Salons Photography.*



Desde sua criação, o FCES manteve-se em intensa atividade promovendo cursos, exposições e concursos. Em seu segundo ano de existência, em 1947, a instituição inaugurava o seu I Salão Capixaba de Arte Fotográfica dos 26 que iria realizar ao longo dos anos. Até 1978, data de sua última edição, o FCES empenhou-se na promoção dos Salões, os quais também contribuíram na afirmação da instituição no cenário fotoclubista, além de movimentar a cena artística-cultural do Estado e permitir, com todo o intercâmbio, o desenvolvimento dos fotógrafos da instituição.

Os editais dos Salões permitiam a participação aberta de agremiações e, também, de fotógrafos independentes. As três primeiras edições – dos anos de 1947, 1949 e 1950¹ – foram de nível estadual, assim participando, basicamente, os integrantes do próprio Fotoclube. No IV Salão (1951), se inauguraria não só a expansão do evento ao nível nacional, mas passou a editar os respectivos catálogos, que desde então, documentariam cada edição². Logo a partir do ano de 1958, na 11ª realização, os Salões que aconteciam anualmente se ampliariam para o nível internacional, participando, nesta primeira ocasião, quatro países além do Brasil: Alemanha, Portugal, Itália e a antiga Iugoslávia. Tal abertura resultaria num intercâmbio fotográfico favorável ao crescimento dos integrantes do FCES, que absorviam as novidades vindas de fora, em especial, ao que se referia a processos e estéticas.

Os primeiros Salões promovidos pelo fotoclube local previam a inscrição de fotografias exclusivamente em “Branco e Preto”. No X Salão, em 1957, a seção “Cor” seria inaugurada com “transparências 35mm”. Nesta categoria, no entanto, somente se encontram membros do próprio FCES. Nos dois anos seguintes, contudo, a categoria não aparece, retornando firmemente aos Salões em 1960, nesta edição como “Seção cor – 30x40”. Neste Salão, o XIII, somente um concorrente tem as obras aceitas na seção referida – totalizando quatro fotografias –, sendo ele da agremiação Fény-Szöv Fotó-Club, de Budapeste, Hungria. A partir de então, os Salões estariam organizados em três seções: “Branco e Preto”, “Cópias/Ampliações Coloridas” e “Transparências/Diapositivos Coloridos”. Entretanto, ainda que a fotografia em cor angariasse seu espaço no interior dos Salões, inclusive com duas das três categorias do evento, a seção “preto e branco” ainda predominava em números de trabalhos inscritos e admitidos.

A partir de 1964, no XVII Salão, a *Fédération Internationale de L'art Photographi-*

que (FIAP)³, fundada em 1946 com sede na Suíça, reconheceria e regulamentaria o evento.⁴ Para tal, procedimentos e normas deveriam ser seguidas pelos promotores como a confecção de medalhas referentes a, no mínimo, três primeiros lugares de cada categoria; a emissão de convites, os quais eram entregue para a antiga Confederação Brasileira de Fotografia e Cinema – atualmente denominada somente por Confederação Brasileira de Fotografia (Confoto) – que repassava para a FIAP, a qual então distribuía os convites internacionalmente – além de também entregarem diretamente a algumas agremiações; a produção de selos para cada edição (os quais às vezes se repetiam de um evento para o outro); a impressão de catálogos com quadros estatísticos dos países participantes com a quantidade de trabalhos inscritos e admitidos, além da realização da exposição com os trabalhos admitidos. De tal maneira, a promoção do evento se daria de modo similar em todo mundo, numa tentativa de uma padronização dos Salões de acordo com as orientações da FIAP.

Assim sendo, o FCES estava filiado à CBFC, atuante enquanto órgão regulador da prática fotoclubística no Brasil, que mantinha o contato direto com o organismo internacional, a FIAP.

Até 1967, como consta nos catálogos dos Salões, as obras dos membros da Comissão Julgadora não poderiam participar da seleção do evento e concorrer à premiação. Os trabalhos desses, então, somente participavam da exposição. Contudo, daí em diante, também as fotografias dos associados do FCES não poderiam concorrer à premiação. Tal configurava uma norma ditada pela FIAP, porém tornava o evento, para o Fotoclube promotor, apenas de amostragem e não mais de competição.

A seleção das imagens para o Salão era tarefa de uma comissão julgadora nomeada com essa finalidade - formada por cinco jurados, sendo eles associados do FCES ou convidados. Das obras recebidas, essa comissão somente sabia seu título e a instituição à qual o candidato pertencia, a fim de que o júri fosse isentado de influências externas na averiguação. Então era feita a triagem, sendo que as fotografias deveriam ter aceitação mínima de três jurados para entrar no Salão. Aquelas que eram aceitas por decisão unânime da comissão seriam separadas para concorrer à seleção de premiação: três colocações em cada categoria e as menções honrosas.

Vários foram os espaços utilizados para a realização dos Salões do FCES, especial-

mente os saguões de edifícios, como o da Companhia Vale do Rio Doce, o Ouro Verde e o Teatro Glória e, também, a própria sede do fotoclube. Percebe-se assim, que não se tinha um lugar especializado para a apresentação dos trabalhos, fato – como já anunciado anteriormente – comum no cenário artístico capixaba da época. Magid Saade revela que, o número de trabalhos admitidos para a exposição ficava condicionado ao espaço disponibilizado para a edição⁵.

Sua configuração em termos de apresentação no espaço também sofreu alterações: se inicialmente as fotografias eram postas lado a lado, quase coladas umas às outras, aos poucos as obras foram ganhando cuidados especiais e maior especialização profissional, inclusive iluminação adequada.

Enfim, no final de cada edição, o Fotoclube era responsável por fazer a devolução de todas as fotografias enviadas para o Salão, cuidando para que isso ocorresse no mais perfeito estado.

Assim, de maneira geral, para que os Salões acontecessem várias etapas deveriam ser seguidas, adotando as normas da FIAP, o que demandava de tempo e dedicação a um evento realizado praticamente sem nenhum apoio oficial, seja do governo do Estado ou da Prefeitura de Vitória.

O período que se estende de 1968 a 1978 diz respeito aos dez últimos anos em que os Salões Capixabas foram realizados. Assim, analisaremos os seis últimos salões promovidos pelo FCES - nota-se que, é nesse período final que os eventos ganham um espaçamento temporal em suas promoções, que antes aconteciam anualmente. Magid Saade nos conta em entrevista que, como a promoção dos eventos despendia de muito trabalho, o FCES resolveu transformá-las em bienais a partir de 1969.

São eles: XXI Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1968), XXII Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1969), XXIII Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1971), XXIV Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1973), XXV Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1975) e o XXVI Salão Capixaba de Arte Fotográfica (1978).

A cada edição, a partir de 1951, foram confeccionados catálogos, que traziam informações primeiras como os nomes dos integrantes da Diretoria do FCES, os membros da Comissão Julgadora e um quadro estatístico com a quantidade de concorrentes

e trabalhos inscritos e admitidos. Também se encontram publicadas propagandas, importante elemento, pois financiavam a confecção do documento. Além disso, era detalhada a relação dos trabalhos aceitos no evento, com dados como o nome do autor, da obra e da agremiação, e seu país e estado.

As fotografias premiadas e outras de destaque estampavam algumas páginas do catálogo, sobretudo, as da categoria Preto e Branco. É perceptível, analisando de modo geral os 22 catálogos produzidos ao longo dos Salões, que a quantidade de imagens reproduzidas e a qualidade do próprio catálogo, em termos materiais, foi caindo a partir dos anos de 1960. Com isso, fica também reduzida a compreensão imagética das obras aceitas nos últimos Salões, pois poucas imagens, em verdade somente as premiadas da seção Preto e Branco, passaram a ser publicadas nos exemplares.

Analisando os países participantes nos Salões, verificamos, de acordo com os dados obtidos nos catálogos, o montante de trinta nações: Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Brasil, Chile, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Filipinas, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hong Kong, Hungria, Itália, antiga Iugoslávia, Jamaica, Luxemburgo, México, Noruega, Peru, Polónia, Portugal, Romênia, Rússia (na época, URSS), Suécia, Suíça e antiga Tchecoslováquia. É intensa a afluência da Europa, em especial, do Leste Europeu, além de representantes dos demais continentes, com exceção, contudo, da África.

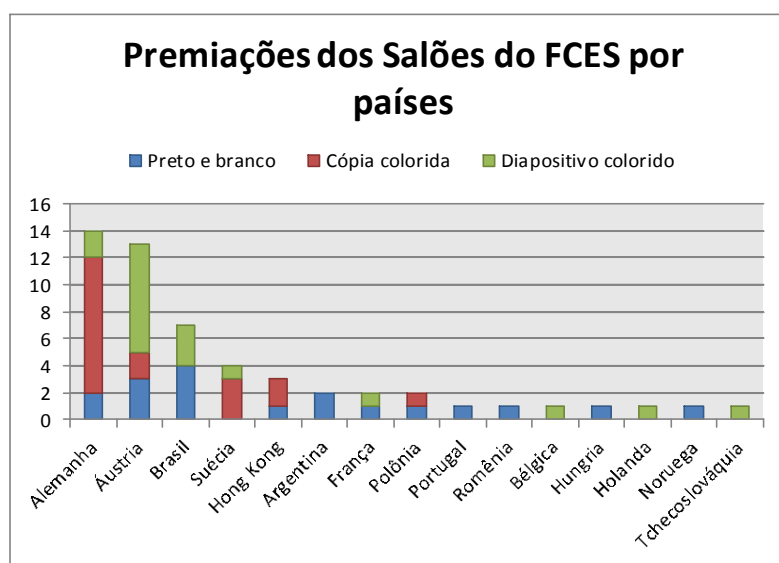


Gráfico 1 – Premiações dos Salões do FCES, no período de 1968 a 1978, por países.

Dados extraídos dos catálogos dos Salões do FCES de 1968 a 1978.

Como ilustrado no gráfico 1, no período de 1968 a 1978, é destacada a frequência dos países Alemanha e Áustria no quadro de premiações. Ambos participaram de todas as seis edições em análise, e predominavam, também, em número de concorrentes e trabalhos aceitos. Interessante notar, que embora a fotografia “preto e branco” sobressaísse de maneira geral no Salão, esses dois países mais premiados revelaram-se fortes, em especial, na categoria cor. Isso pode representar um interesse pelo que é novo, na abertura para a renovação. Em razão de não se ter acesso às obras coloridas premiadas nos Salões - tanto através das cópias, quanto de diapositivos -, pois as mesmas não foram publicadas nos catálogos e dado a política de devolução das fotografias inscritas, não há registro imagético das mesmas, o que impossibilita a leitura de tais imagens.



Fotografia 1 – Sidney Luis Saut (Foto Clube, Indial, Brasil), Edy (1971) – 3º prêmio em “Preto e Branco”, no XXIII Salão Capixaba de Arte Fotográfica.

Fonte: Catálogo do XXIII Salão. Acervo do FCES.

Analisando o gráfico em termos das premiações por categoria, apontamos o Brasil como o expoente em “preto e branco” com quatro premiações – entre 1º, 2º e 3º lugar – nas edições de 1968 a 1978. Verificando mais detalhadamente a questão, temos dois nomes dividindo estas premiações: Sidney Luis Saut, com a obra “Edy”

ocupando o 3º lugar em P&B, no XXIII Salão Capixaba de Arte Fotográfica, em 1971; e Delcio Capistrano em 1º lugar com “Branca de Neve”, no XXIV Salão (1973), o 1º lugar com “Gênesis”, no XXV Salão (1975) e o 2º lugar, no XXVI Salão de 1978, com “Triângulo Escaleno”. Saut integrava o Foto Grupo de Indaial, em Santa Catarina e já havia participado de outras edições do Salão Capixaba na mesma categoria. Capistrano, contudo, era fotógrafo independente do Rio de Janeiro e, além de premiações e participações em Preto e Branco, foi aceito em Diapositivos Coloridos, fatuando inclusive, a 1ª medalha “FIAP”⁶ na premiação geral do Salão com esta seção⁷.



Fotografia 2 – Delcio Capistrano (Brasil), Triângulo Escaleno (1978) – 2º prêmio em “Preto e Branco”, no XXVI Salão Capixaba de Arte Fotográfica.

Fonte: Catálogo do XXVI Salão. Acervo do FCES.

Todas as fotografias citadas são retratos individuais ou em grupo, contudo apresentam-se diferentes em tratamento conceitual e no processo fotográfico. Nas imagens “Edy” (1971), de Saut e “Branca de Neve” (1973), de Capistrano temos closes posados. A imagem de Saut, a exemplo, traz um close-up de um menino que direciona seu olhar diretamente à lente, revelando a aproximação do fotógrafo ao seu objeto. O recorte não convencional usado faz com que o menino parece surgir ao quadro,

espreitando a cena e estampando uma feição de ligeira curiosidade. O fotógrafo mantém a mesma linha de altura que seu referente, evitando distorções da forma. A fotografia, ainda, apresenta um fundo neutro, sem contexto ou relações ao ambiente em que o objeto está inserido, como uma imagem publicitária que destaca seu objeto para o foco central, buscando persuadir o receptor através de recursos de emoções, símbolos ou códigos culturais. O tratamento da imagem é um preto e branco suave, sem grandes contrastes de tons, tornando-a singela, mesmo que seu referente traga noções de incômodo ou dúvida no semblante.

O oposto Decio Capistrano revela em “Triângulo Escaleno”, com o contraste forte do P&B e a representação de figuras agressivas e hostis. O impacto da cena é acentuado pelo tom, pela expressão marcante, em que os personagens parecem encarar o espectador. O autor utiliza de efeito de solarização na inversão de valores tonais de algumas áreas da imagem também. Seu título faz referência à geometria composta pelos três personagens da foto, que criam uma forma triangular na organização. O termo “escaleno” pode também sugerir uma alusão conceitual pela diferenciação dos três indivíduos entre si. O fotógrafo merece destaque, pois mesmo que de fora do circuito fotoclubista, teve três fotografias premiadas com tratamentos totalmente diferentes, tendo representado o Brasil nos Salões Capixabas de nível internacional na década de 1970.

Muitos outros fotógrafos prestigiados participaram dos Salões do FCES neste período, em especial, os integrantes do Foto Cine Clube Bandeirante. O FCCB despontou na frequência e quantidade de fotógrafos e obras aceitas. Participou de todas as seis últimas edições, sem, contudo, conseguir nenhuma premiação. Mesmo assim, o Foto Cine Clube Bandeirante teve destaque nos eventos capixabas com: Eduardo Salvatore, Geraldo de Barros, Marcel Giró, João Minharro, Francisco Azmann, Raul Eitelberg, Kazuo Kawahara e entre tantos outros.

Dos fotoclubes brasileiros participantes é evidente a presença em peso dos originários do Rio de Janeiro e de São Paulo, localidades onde havia uma proliferação maior de agremiações em relação a outras regiões do país. Figuraram também, algumas agremiações do Sul do país e, de Goiás e Sergipe. Na edição de 1971, a exemplo, chegaram a participar 17 fotoclubes do Brasil, sendo a média de 13, neste período. Citando alguns: Academia Santista de Fotografia (SP), Associação Brasileira de Arte Fotográfica (ABAF – RJ), Clube da Objetiva (Goiânia/GO), Clube Foto Filatélico

Numismático de Volta Redonda (RJ), Foto Cine Clube Bandeirante (SP), Foto Clube de Londrina (Londrina/), Foto Clube do Jaú (Jaú/SP), Foto Grupo Objetiva (Niterói/RJ), Grupo de Fotógrafos Amadores (Aracaju/SE), Iris Foto Grupo (São Carlos/SP), Liberdade Foto Clube (São Paulo), Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói/RJ), Sociedade Fotográfica de Nova Friburgo (Nova Friburgo/RJ).

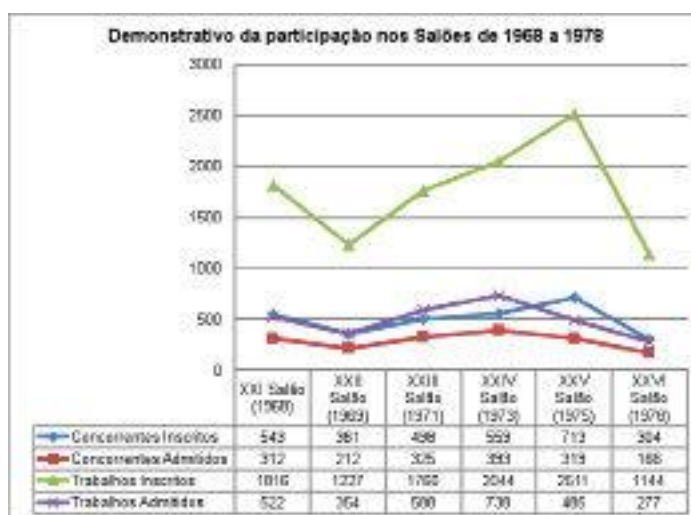


Gráfico 2 - Demonstrativo da participação nos Salões de 1968 a 1978.

Dados extraídos dos catálogos referentes a cada edição do Salão.

Como mostra o gráfico 2, os últimos dez anos dos Salões foram marcados por altos e baixos, registrando uma caída em 1969 e outra a partir de 1973. Em sua penúltima edição, em 1975, o número de trabalhos inscritos é recorde, com mais de 2500 obras – entre fotografias preto e branco, cópias coloridas e diapositivos. No entanto, os que realmente foram admitidos foram poucos, contando com cerca de 20% de aproveitamento, o mais baixo índice registrado neste período.

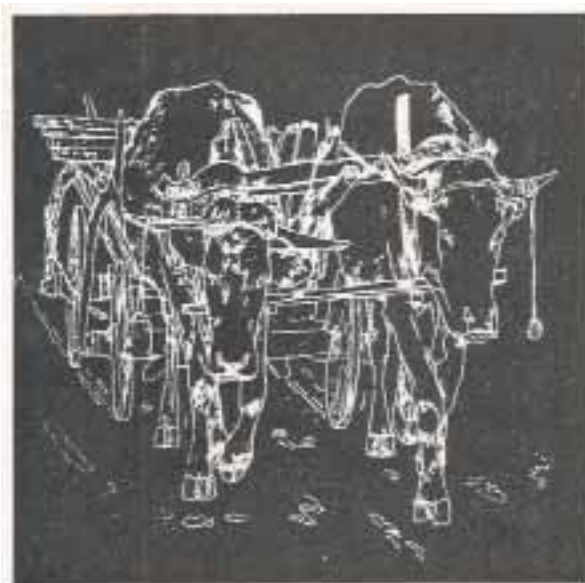


Fotografia 3 – Heinz Stadelhofer (Alemanha), Futterplatz (1968) – 1º prêmio em “Preto e Branco”, no XXI Salão Capixaba de Arte Fotográfica. Fonte: Catálogo do XXI Salão. Acervo do FCES.

Três anos mais tarde, o FCES realizaria seu 26º e, também, último Salão. Tal já registrava um número baixo de inscrições, apenas 1.144 com 277 trabalhos aceitos. Isso confirma que, de maneira geral, as atividades fotoclubistas no Brasil e no mundo estavam, nesta época, perdendo força. Os dados apresentados podem ilustrar um indício dessa queda no FCES.

Ocorreu, nessa última fase dos Salões, também, uma afluência do fotojornalismo e do fotodocumentarismo, estéticas em vigor, no interior do fotoclube. Além disso, ingressaram novos membros, jovens, com ideais bem distintos daqueles que estavam na agremiação desde sua fundação no anos 1940. Jorge Luiz Sagrilo é um dos nomes neste caso. Aos 16 anos de idade, em 1968, adentrava o grupo questionando os valores clássicos da instituição.

De todo modo, analisando as imagens premiadas reproduzidas nos catálogos é interessante ver a coexistência de fotografias de diferentes estéticas. As imagens de Heinz Stadelhofer e Helmut Schneider podem configurar a questão. A fotografia de Stadelhofer traduz uma tendência mais clássica, até mesmo na própria temática de paisagem; enquanto a de Schneider tem um caráter moderno, que trabalhando com efeitos de laboratório transformou totalmente, reduzindo a imagem a suas linhas estruturais, fazendo lembrar um desenho.



Fotografia X – Helmut Schneider (Romênia), Branca de Neve (1969) – 2º prêmio em “Preto e Branco”, no XXII Salão Capixaba de Arte Fotográfica. Fonte: Catálogo do XXII Salão. Acervo do FCES.

A comissão julgadora, que mudava a cada edição⁸, tinha uma postura eclética, segundo Saade, mesclando membros mais conservadores e outros mais modernos, o que segundo ele revelava uma postura mais liberal na seleção das imagens. Contudo, ainda assim constata-se a tendência a escolher aquelas imagens fotográficas de cunho mais clássico.

Infelizmente, na década de 1970 nos catálogos se publicava poucas imagens, em comparação aos anos anteriores, limitando a análise e melhor avaliação do conjunto imagético do Salão. Ainda assim, percebemos a preferência pela figuração em detrimento da geometrização, da abstração e do intenso uso de processos laboratoriais, tão recorrente na década passada. Isso é percebido, inclusive, nas imagens dos Salões de 1968 e 1969, pelo uso de intervenções no processo fotográfico e da geometria. As imagens abaixo, todas de cenas externas, configuram a utilização da solarização. Apesar do mesmo efeito, as tomadas são diferentes: “Brücken”, de Heinz Chorn traz linhas mais geometrizarantes e “In der altstadt”, de Leopold Fischer é a única a inserir a figura humana e o cotidiano, por exemplo. Observa-se, também, que Fischer angariou três premiações, duas menções honrosas, em 1968 e 1969 e um primeiro lugar, em 1969.

Analisando as imagens selecionadas, notamos a presença marcante de representan-

tes da Áustria apresentando, sobretudo, solarizações. Tanto em paisagens, retratos, ou tendendo ao moderno com linhas e geometria, durante todas as edições finais podemos ver esse efeito sendo utilizado.

No período destacado, ainda, com a influência documental, percebe-se uma relação mais direta do fotógrafo com o assunto. Figura humana, cena íntima, iluminação são elementos frequentes nas fotografias. Exemplo disso é, também, “How come mother?” e “Tren em retardo”, ambas as obras do argentino Pedro Luiz Raota. Na primeira imagem, Raota utiliza um iluminação focada. A segunda cena já é mais dramática, vez que a iluminação é mais pesada, contrastada, com um foco de luz central, dando direção ao assunto. As duas tratam de cenas cotidianas, no interior de residências, na intimidade da família.

De maneira geral, não foi percebido nas imagens apresentadas um teor político-crítico, nem mesmo nas que eram do Brasil, que vivia a Ditadura Militar. No contexto fotoclubístico, o interesse mostrado parecia maior no processo fotográfico, enquanto um ato artístico e não questionador – apesar de percebermos em algumas imagens uma influência fotojornalística e documental, as quais tendiam a inserir o contexto na imagem. Extensão dessas estéticas é o retorno forte à figuração e à cena urbana na temática das imagens. Paralelo a isso, a solarização e outras experimentações de laboratório foram usadas até a última edição do Salão, sendo a técnica a principal condução do fotógrafo.

Diante disso, pode-se dizer que os Salões Capixabas configuravam um espaço eclético e ainda que preferissem as imagens de tendência mais tradicional. Enfim, no panorama fotoclubístico em geral existiam agremiações de diversas tendências, umas mais modernas, outras mais engajadas, algumas tradicionais e até mesmo as liberais. A seleção do Salão de cada fotoclube, então, estaria de acordo com a postura, assim como no FCES, que nos últimos no período de 1968 a 1978, se averigua o foco no fazer artístico da fotografia.

1 Por dificuldades financeiras e falta de apoio o FCES não consegue executar a segunda edição do Salão no ano de 1948, como pretendido.

2 Somente o VIII Salão, de 1955, não possui catálogo.

3 A FIAP é uma federação internacional que se filia como membros operacionais das associações nacionais de fotografia com o objetivo na promoção da arte em todos os aspectos e eventos de todos os gêneros fotográficos. Foi fundada pelo Dr. Van de Wijer, na Bélgica, que desde 1946 estabeleceu contato com várias associações nacionais de fotografia com o mundo. O primeiro Congresso, ato oficial de fundação da FIAP, teve lugar em Berna (Suíça) em 1950, com a participação de representante de 10 países.

4 Segundo informações dadas por Magid Saade em entrevista a autora em 02/12/10.

5 Segundo informações dadas por Magid Saade em entrevista a autora em 02/12/10.

6 Nas últimas três edições do Salão Capixaba (em 1973, 1975 e 1978) foi incluída a premiação geral, em que recebiam medalhas os três melhores trabalhos entre todas as categorias.

7 Delcio Capistrano com a obra “Suporte” (diapositivo colorido) foi 1º lugar na categoria e recebeu a 1ª medalha FIAP na premiação geral do XXV Salão Capixaba de Arte Fotográfico, do ano de 1975.

8 Fizeram parte da Comissão Julgadora dos Salões de 1968 a 1978: Dr. J de Almeida Rebouças, Magid Saade, Nilton Pimenta, Manoel M Rodrigues, Dr. Luiz Guilherme Souza Moreira, Francisco Quintas Jr, Pedro Fonseca, Isauro Rodrigues, Dr. Roberto Vianna Rodriguez, Ugo Eugênio Musso, Paulo Bonino e Alvino Gatti.

REFERÊNCIAS

Acervos Fotográficos

FOTO CLUBE DO ESPÍRITO SANTO.

Catálogos:

FOTO CLUBE DO ESPÍRITO SANTO - Catálogos dos Salões Capixabas de Arte Fotográfica, de 1968 a 1978 (Vitória – ES).

Entrevistas:

SAADE, Magid. Entrevista concedida à autora, Vitória, 02/12/10.

Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga possui formação em Artes Plástica pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente é mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da mesma universidade.